



## **ESPORTE E INCLUSÃO: OS BENEFÍCIOS ORIUNDOS DA PRÁTICA SOBRE A ÓPTICA DAS MÃES.**

Raissa Alves Siébra <sup>1</sup>  
Luan Gonçalves Jucá <sup>2</sup>  
Douglas Alves da Silva <sup>3</sup>

### **RESUMO**

O esporte é um fenômeno sociocultural que possibilita a inserção e integração de todo e qualquer indivíduo em seu contexto independente de suas habilidades, capacidades e mobilidades. No entanto, se faz necessário entender a importância de profissionais capacitados para propiciar todos os benefícios da prática. O presente estudo aponta como se deu o processo de aproximação e inclusão da criança autista na prática esportiva, identificando quais foram os benefícios e os percalços encontrados nesse caminho. Nessa perspectiva, o objetivo do presente estudo foi relatar os avanços de crianças autistas no contexto esportivo através das práticas de inclusão a partir dos relatos das mães. Os interlocutores do estudo foram quatro mães de crianças que tem o transtorno do espectro autista – TEA. Sendo os participantes de modalidades esportivas sistematizadas como a natação, judô, futsal e futebol. Os praticantes das modalidades esportivas tinham a faixa etária entre 2 a 10 anos de idade. As modalidades pela qual eles praticavam, variava entre um período de um mês e outros que chegavam a cinco anos. Pôde-se concluir que apesar das dificuldades apresentadas pelos profissionais e os sentimentos de medo e receio gerado pelo novo, a prática esportiva tem agido de forma bastante produtiva, trazer para o contexto social, pessoas que ainda são excluídas e tidas como difíceis de lidar.

**Palavras-chave:** Autismo, Esporte, Inclusão, Mães.

### **INTRODUÇÃO**

Segundo a Política Nacional do Esporte – PNE (2012), o esporte é muito além do que vem sendo descrito na Constituição Federal, o direito ao esporte é uma garantia sendo assim, não pode haver exclusões. Todas as pessoas têm direito ao acesso independente de suas habilidades, capacidades e mobilidades.

Atualmente, a pessoa com deficiência ainda é taxada por parte da população como aquela que é “diferente”, “anormal”. Ou seja, uma pessoa que não é capaz de se desenvolver fisicamente e mentalmente e que por consequência disso não deve ser incluída em atividades físicas e, em algum esporte de maneira geral (ROMERO; CARMONA, 2017).

<sup>1</sup> Graduada pelo Curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri - CE, ; [siebraraissa@gmail.com](mailto:siebraraissa@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduado pelo Curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri - CE, [luanjucaedf@gmail.com](mailto:luanjucaedf@gmail.com);

<sup>3</sup> Professor orientador: Especialista, Universidade Regional do Cariri – CE, [douglas\\_jfc@hotmail.com](mailto:douglas_jfc@hotmail.com).



Conforme Araújo (2011) no período da segunda guerra mundial (década de 40) surge o que conhecemos por esporte adaptado. O mesmo teve marco inicial visto a necessidade de reabilitação esportiva como forma de lazer para os soldados no período pós-guerra que por consequência tiveram alguma deficiência secundária. No qual consiste em uma deficiência social, ou seja, uma deficiência adquirida ao longo da vida (GARCIA, 1999).

Entretanto no Brasil a criação do esporte adaptado surge no período de 1958, a partir da criação do Clube do Paraplégicos em São Paulo e do Clube do Otimismo no Rio de Janeiro. A educação física inicia o seu processo de adaptação no final dos anos de 1950 através de um médico que realizava programas voltados para a prática de exercício e prevenção de doenças (COSTA e SOUZA, 2004).

Para romper com este pensamento de esporte e reabilitação, surge o esporte adaptado para pessoas com deficiência. Conforme Silva et al (2013), enfatizam que o esporte adaptado tem fases e momentos adequados, sendo eles os fundamentos do esporte adaptado, os aspectos biológicos e psicológicos, os aspectos da modalidade, os aspectos sociais e avaliação motora em esporte adaptado.

Conforme Mauerberg (2005), o esporte adaptado é uma nomenclatura utilizada apenas no Brasil, sendo conhecido em outros países, como esporte para pessoas com deficiência. Os fundamentos, práticas e regras esportivas são adaptadas para a então inserção da pessoa com deficiência no esporte de maneira a ter êxito nessa prática (ARAÚJO, 2011).

Segundo Silva et al (2013), atualmente o esporte adaptado é um aspecto global que tem chamado bastante atenção, as suas características próprias, tais como condições igualitárias na prática esportiva, melhoria na aptidão física entre outras.

Em palavras de Costa e Souza (2004), os aspectos biológicos dizem respeito a compreensão relacionada a funcionalidade fisiológica, metabólica e neuromuscular, onde tais aspectos influenciam diretamente no comportamento motor do atleta, aptidão física, rendimento entre outros.

Como mencionado por Carballido (2001), a psicologia do esporte é uma ciência aplicada aos estudos psicológicos que se relaciona ao atleta durante a prática de atividade física. Sabe-se que cada modalidade esportiva é dotada de particularidades, de acordo com a modalidade se realiza planejamento para a realização das mesmas. Levando em consideração que cada modalidade requer um planejamento individual, de maneira a viabilizar a aprendizagem e conquistas dos objetivos propostos (COSTA e SOUZA, 2004).



Segundo Klin (2006) a criança com TEA tem dificuldades em manter as relações sociais, diante essa condição é encontrado no esporte o momento de lazer e possibilidades de forma positiva na socialização de crianças e adolescentes (VIANNA e LOVISOLO, 2011)

O autismo é considerado um transtorno do desenvolvimento, em que acarreta dificuldades na comunicação, na interação com o meio ambiente e nas relações interpessoais (DIELH, 2008). Diante das possíveis dificuldades de interação social, a inclusão dentro das modalidades esportivas torna-se um desafio para os alunos, responsáveis e professores.

A forma como o diagnóstico é repassado para a família precisa ser leve, de forma a acolher nesse primeiro momento, respeitar o sentimento que se passa para a família que está recebendo a informação e viabilizar uma melhor aceitação. Demonstrar o que é o autismo, as características e possibilidades do transtorno (PINTO et al, 2016).

O presente estudo aponta como se deu o processo de aproximação e inclusão da criança autista na prática esportiva, identificando quais foram os benefícios e os percalços encontrados nesse caminho.

O objetivo do presente estudo foi relatar os avanços de crianças autistas no contexto esportivo através das práticas de inclusão a partir dos relatos das mães.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa em um todo caracterizou-se por ser descritiva onde Gil (2002) menciona que essa modalidade de estudo visa a descrição de características de uma determinada população ou fenômeno.

Optamos por realizar uma pesquisa de natureza qualitativa que conforme Thomas, Nelson e Shilverman (2012) relata que é um método científico de solução de problemas, nesse método é observado as falas, o contexto, a história que segundo Mynaio, Deslandes e Gomes (2010) é o estudo que se aplica as percepções, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem.

Os interlocutores do estudo foram quatro mães de crianças que tem o transtorno do espectro autista – TEA. Sendo os participantes de modalidades esportivas sistematizadas como a natação, judô, futsal e futebol. Os praticantes das modalidades esportivas tinham a faixa etária entre 2 a 10 anos de idade. As modalidades pela qual eles praticavam, variava entre um período



de um mês e outros que chegavam a cinco anos. A coleta de dados com as mães teve duração de um mês, entre os meses de setembro ao mês de outubro de 2018.

Para obtenção dos dados da pesquisa foi feito um questionário semiestruturado que possuía perguntas objetivas e subjetivas. As perguntas contidas no instrumento foram baseadas no objetivo geral e específico desse estudo visando a obtenção de dados. Após o preenchimento das questões subjetivas do questionário foi feita uma entrevista com as mães das crianças, onde foi gravada com a utilização de um aparelho celular da marca Motorola, com a devida autorização dos entrevistados por meio da assinatura do TCLE.

Para garantir o sigilo e preservação de dados, as interlocutoras participantes dessa pesquisa estão tendo suas falas representadas através de personagens de animação da DC e Marvel. As personagens citadas para representar as falas das mães possuem deficiência. O que é de suma importância ressaltar que a deficiência não deve ser tida como algo “diferente” e sim como algo que está no nosso cotidiano em diferentes contextos e espaços.

Outro aspecto para optarmos por esse codinome foi dá o destaque a esses desenhos, que expressa à representatividade que almejamos para todas as pessoas. O sistema que vivemos é excludente, ele destaca a perfeição e marginaliza o diferente. Com o esse destaque dado aos desenhos, almejamos a divulgação desse trabalho de animação, que é representativo e inclusivo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Kanner (1943) apud Diehl (2008) aponta algumas particularidades do Transtorno do Espectro Autista, que são as dificuldades para desenvolver a linguagem, para se relacionar e aceitar mudanças de ambiente, repetição de atos, tais quais, movimento repetitivo das mãos, andar nas pontas dos pés, dentre outros.

O momento de descoberta ou conclusão do diagnóstico é rodeado de grandes emoções, onde em algumas famílias variam do sentimento de culpa ao luto, frustrações, inseguranças, entre outros sentimentos. Algumas mães relatam que “... foi impactante, né, porque ninguém nunca esperava esse tipo de, é... você quer ter um filho típico, né? Assim, normal como eles falam...” (Oráculo, 2018) ou que “... eu percebi que ela era diferente, eu levava ela ao médico, mas diziam que a culpa era minha, outros diziam que ela era especial, mas não diziam o que era...” (MISTY NIGHT, 2018), já outra mãe relata que, “... no começo eu achei estranho, pelas dificuldades que eu estava vendo algumas limitações nele e tudo...”(KARMA, 2018).



Compreender que seu filho possui o espectro autista gera dificuldades e diversos processos nos familiares envolvidos (não-aceitação, culpa, negação do espectro, luto, desespero, angustia, entre outros). É notório isso na fala da interlocutora: “... então assim, o sentimento é de muito desespero porque você não sabe o que pode fazer, mas aí você vai estudando, vai pesquisando, o amor também é enorme e você vai superando, agora fácil não é...” (HARRIET, 2018).

Muitos pais, com a descoberta do TEA, inserem seus filhos nos esportes procurando uma forma de melhorar a qualidade de vida dos seus filhos, dessa forma, o esporte tem possibilitado uma maior interação das crianças com outras crianças e com os familiares.

As crianças com transtorno do espectro autista podem se beneficiar das práticas esportivas partindo da perspectiva das dimensões do aprendizado sensório-motor, socialização e da comunicação (MASSION, 2006). A hipótese do ganho foi destacada nas falas das mães que acompanhavam o desenvolvimento dos seus filhos após o período de prática esportiva. Como podemos observar a seguir:

“Ah, eu acho que ajuda muito, muito, muito, muito. Porque assim eles são umas crianças, todos, mas o meu principalmente que tem muita energia que precisam gastar energia. Eles têm hora que eu acho que ele é hiperativo. Ele não tem diagnóstico assim fechado ainda. Mas assim eu acho, ele não consegue parar. Ele não consegue se concentrar. Ele sempre está procurando uma coisa para fazer e eu acho que o esporte ajuda a liberar essa adrenalina toda que ele tem...” (KARMA, 2018).

Os benefícios oriundas da prática esportiva possibilitam aos envolvidos momentos de prazer e descontração. As atividades desenvolvidas devem assemelhar-se a tarefas cotidianas, visando desenvolver a autonomia de contexto social, construindo um ciclo de aprendizagens significativas para esse aluno (BEZERRA, 2013).

A criança autista possui o que caracterizamos de tríade de comprometimentos. Representado por “ter dificuldade para compreender a comunicação dos outros e para desenvolver uma comunicação efetiva”, comprometimentos no comportamento social e interação com o meio e com o outro.





A inserção dos filhos na sociedade, nos esportes, na escola e nos mais variados âmbitos proporcionam oportunidades as crianças envolvidas e tais oportunidades desencadeiam reações nas vidas das crianças. A partir das vivências das mães podemos ver que quando indagadas sobre a melhora do convívio social após a prática esportiva nos relatam que:

“Muito, ele melhorou bastante, até a questão de lidar com outras crianças, que depois que ele tá na APAE lidando com outras crianças da mesma idade que ele melhorou muito essa questão né...” (ECHO, 2018).

Estudos tem relacionado a prática esportiva a benefícios como a reabilitação, a inclusão social e também a saúde (NAZIMA; HARA; COSTA, 2008), podemos perceber isso na fala de Misty Night (2018) 19 “... melhorou a postura também, a socialização melhorou bastante, as estereotípias...”.

Keinert e Antoniuk (2017) descreve em seu estudo que atividades esportivas causam um aumento da movimentação ativa, que beneficia a melhoras no equilíbrio, postura, prazer, autoconfiança, autoestima, entre outros aspectos. Através das falas dos interlocutores da pesquisa se ressalta a maneira como o esporte influencia na vida da criança e naqueles que estão ao seu redor, à forma como os pais percebem as mudanças de seus filhos e como os professores se sentem valorizados com essa mudança e com o feedback que os pais lhe dão é extremamente importante para a prática profissional.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Falar sobre a adaptação esportiva e inclusão ainda é algo novo na literatura, dessa forma, podemos concluir que o esporte adaptado vem ganhando cada vez mais espaço e possibilidades na sociedade.

Apesar das dificuldades apresentadas pelos profissionais e os sentimentos de medo e receio gerado pelo novo, a prática esportiva tem agido de forma bastante produtiva, trazer para o contexto social, pessoas que ainda são excluídas e tidas como difíceis de lidar.

Como a realidade é complexa e dinâmica, e esse estudo jamais poderia representar toda a realidade social, apresentamos como sugestões para futuras pesquisas a perspectiva de inclusão de outras deficiências através do esporte.

## **REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, Paulo Ferreira. **Desporto adaptado no Brasil**. São Paulo: Phorte; 2011. v. 1.



BEZERRA, Tiago Lopes. Educação inclusiva e autismo: a educação física como possibilidade educacional. **Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício**, v. 12, n. 4, p. 244-247, 2013.

BRASIL. **Política Nacional do Esporte**. Distrito Federal, 2012.

CARBALLIDO, LUIS GUSTAVO GONZÁLEZ. Uma aproximación práctica a la psicología del deporte. 2001 Lecturas: **Educación Física y Deportes**, Año 7 N° 35.

COSTA, A.M.; SOUSA, S.B. Educação Física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da Integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, maio 2004.

DIEHL, Rosilene Moraes. **Jogando com as diferenças: jogos para crianças e jovens com deficiência**. São Paulo, 2º Ed, Phorte, 2008.

GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. A educação de sujeitos considerados portadores de deficiências: contribuições vygotkianas. **Ponto de Vista: revista de educação e processos inclusivos**, Santa Catarina, n. 1, p. 42-46, 1999.

GIL, Antônio Carlos, 1946. Como elaborar projetos de pesquisa – 4 ed. São Paulo, Atlas, 2002.

KEINERT, Maria Helena Jansen de Mello; ANTONIUK, Sergio Antonio. **Espectro Autista, o que é? O que fazer?** 2º Ed. – Curitiba: Ithala, 2017.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 28, p. s3-s11, 2006.

MASSION, J. **Sport et autism**. Science & Sports, v. 21, p. 243-248, 2006.

MAUERBERG de Castro E. Esporte para deficientes: do alto rendimento ao esporte de participação. In: Mauerberg-de Castro E. **Atividade física adaptada**. Ribeirão Preto: TecMedd; 2005. p. 437-83.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. Ed. Petropolis, RJ:Vozes, 2010.

NAZIMA, Estela Yuri Nozaki; HARA, Mônica Yukie; COSTA, Viviane de Souza Pinho. Benefícios do Esporte Adaptado na Reabilitação das Pessoas com Trauma Raquimedular. 2008.

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, n. 3, 2016.

ROMERO, Cláudia da Rosa; CARMONA, Eduardo Klein. Educação Física Inclusiva e Paradesporto: semelhanças e diferenças. **Revista Thema**, Rio Grande do Sul, v. 14, n. 1, p. 29-42, 2017.

SILVA, Anselmo de Athayde Costa et al. Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 4, p. 679-687, 2013.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMAN, Stephen J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Tradução: Ricardo Demétrio de Souza Petersen. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VIANNA, J. A; LOVISOLO, H.R. A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.25, n.2, p.28596, abr./jun. 2011.